



A DANÇA, EPIDEMIA DA MODA

A dança é tão velha, decerto, como a própria humanidade. O homem primitivo—com o estomago já re-confortado após o seu repasto selvagem de *renna* gordurenta,—cabriolava alacre e satisteito, em pinchos altos, á sombra extensa e

gregos, mais tarde, imitaram esse volteio sacro dos egipcios em honra da divindade, e, tendo descoberto nessas passadas ritmicas a origem duma forte emoção artistica, crearam a musa da dança.

Dos gregos a dança passou aos romanos, vulgarisando-se, popularisando-se. As bailarinas de Pompeia tinham fama, e o proprio imperador Nero, tirano de Roma, tangendo a lira, cantou e bailou no Circo, como um doido. Seculos em fóra a dança espalhou-se, então, por todos os povos. Na India, as *bagadeiras* são sacerdotisas nos templos. O rei David dançou, vivamente, deante da arca veneravel, onde estavam encerradas as taboas da lei judaica. Na Edade Media surge a dança fanatica dos *flagellantes*, em que os senhores e os seus vassallos seguiam os cortejos religiosos, semi-nus, pulando e ciliciando-se, amalucadamente, para maior gloria da paixão de Cristo.

Em Lisboa, o povo, mas-



Miss Margaret Morris ballando nos jardins do seu palacete em Dinan



Madame Vera Fokina, celebre dançarina russa, numa das suas danças

muíto tenebre, obaidado do futuro que, muíto tempo depois, teve a sua origem historica no Egypto dos Pharaós, com um caracter accentuadamente religioso, fazendo parte integrante dos tenebrosos mysterios do culto do touro Apis. Os

carado, acompanhava a procissão do Corpo de Deus, que saía da Sé, bailando, desenfreado, as *chacotas*. D. Pedro I—o que amou a linda Inês de Castro—era um bailador entusiasta: muitas vezes atravessou a nossa capital, á luz das



Margaret Morris, uma notavel ballarina, na dança «Sarcasmo».



As belas atitudes de algumas danças. Interpretações artísticas de M. Quinauet e Mademoiselle Dourja, de M. Iemldoff e Madame Taurara. Gamsakourtia.



A evocação dos antigos frescos helenicos feita pelas bailarinas da tournée Morgan.

velas, dançando como um louco. Quando D. João I venceu a batalha de Aljubarrota, o povo de Lisboa recebeu-o, festivamente, com danças e trebelhos, como diz o cronista Fernão Lopes. No templo de D. João II e de D. Manuel I dançavam-se os *moscos*. No reinado de D. Sebastião — que tinha fama de dançar muito bem — o povo bailava nas folias, nas *mouriscas*, e noutras danças pitorescas. Por fim o rei, o clero, a nobreza, e homens do povo perderam-se na sarabanda final, nessa sinistra dança da morte que foram bailar aos areiaes africanos...

No século XVII a dança aperfeiçoa-se, a musa do ritmo cria maior prestígio, torna-se mais emocionante, mais artística. E o bailado surge, gloriosamente. A dança teatral tem o seu início triunfante.

Em 1681, sobre o palco da Opera de Paris, apareceram quatro *danseuses*, substituindo assim os homens que, até então, executavam os bailados vestidos de mulher e de máscara na cara. Foi uma revolução, essa novidade introduzida pelo empresário.

De aí em diante as bailarinas criaram fama, admiradores e apaixonados. Entre as bailarinas celebres da Opera são citadas: M.^{elle} Lafontaine, M.^{elle} Florence, amante do Regente; M.^{elle} Dufresne, cuja vida dava um romance e que casou, afinal, com o duque de Nevers; a famosa Camargo, que era muito bela e tinha muito talento, e que introduziu o costume das saias curtas e dos calções de dançarina; a desinteressada Emile Dupré; a formosíssima M.^{elle} Grandpré, que foi pedida em casamento por um almirante inglês e pelo marquês de Senneville, sendo este, por fim, o preferido; e a encantadora M.^{elle} Miré, que foi amante do celebre compositor Rameau e a quem abreviou os dias de existencia, segundo dizem.

Mas se as antigas bailarinas da Opera conseguiram ficar celebres pelo ritmo que imprimiam aos seus bailados, as bailarinas modernas não lhes ficam inferiores em merito porque se lhes exige hoje mais arte, mais nervos, mais sensibilidade e maior sentimento. A Cleo de Merode, a Duncan, a falecida Gaby Deslys, são tres bailarinas de



grande destaque e fama mundial; a francesa Mona Faiva, interprete dos bailados orientaes; a russa Flora Evalles, que dança esplendidamente a *Scheperazade*; a sueca Romy Johansen, a norte-americana Bessie Daviss e a italiana Satanella são frequentemente aplaudidas pelas suas graciosas atitudes e leveza encantadora dos seus bailados.

Entre nós, foi a dança teatral creada pelo marquês de Pombal, no Paço da Ribeira; e na sala da Musica do palacio de Queluz bailava-se como nos theatros de Paris.

Mas conquanto tivesse havido outr'ora a dança mística, a dança religiosa, e haja ainda hoje a dança profissional, a dança das bailarinas, é a dança propriamente dita — a dança dos salões, a dança dos burgueses, a dança campestre, — que continúa dominando sempre soberanamente. Ora como cada paiz tem os seus caracteristicos ethnicos, cada povo tem a sua dança predileta. Assim, uns esperneiam nos *boleros*, nos *zapateados*, nas *seguidilhas*; os russos bamboaleiam-se no *trepak*; os italianos voltejam doidamente na *tarantela*; os provençaes na *farandola*; os ingleses saltam no *horro pípe*, que os escosesses inventaram; a Hungria dança a *czarda*, a Grecia a *tratta*, a Polonia as *redowas* e *varsavianas*, porque cada povo baila conforme lhe tocam, isto é, cada povo dança conforme o seu clima e a sua tradição. Muitas vezes succede os salões apossarem-se das danças populares, aristocratizando-as; este facto tem-se repetido frequentemente: foram os pescadores da Bretanha que crearam a *gavota*, e o *minuete*, requebrado e meigo, teve a sua origem entre os camponios

duma aldeia do Paitou. Mas, em honra da Terpsychore alegre e viva, crearam-se, tambem, as danças de genero vivo e alegre: a *galtharda*, o *passa-pé*, o *rigodão* e o *tamboril*. Depois universalisaram-se as danças mais modernas: a *contradança*, denominada *quadrilha*; a *valsa*, vivamente saltitante, de origem alemã, a *polka* e a *mazurka* polacas, o *pas-de-quatre* e o *can-can* francês.

Ultimamente, porém, a dança tem-se manifestado com todo o seu furor, chegando a constituir, quasi, uma verdadeira epidemia, em todo o mundo. Em nenhum tempo se dançou tanto como agora. E' positivamente uma loucura voltejante.

Mas são especialmente as pitorescas danças americanas as que a Europa tem recebido de braços abertos, com o maior entusiasmo e com o maximo agrado. Depois do *passo do urso* e do *cake-walk*, o *one-step*.

O *maxixe brasileiro* exhibido nos palcos produziu sensação. Todavia nenhum successo egual a o do *tango argentino*. Nenhuma outra dança moderna conseguiu um agrado tão retumbante. Os seus tempos — *El pases*, *Corte*, *Media luna*, *El paso de lado* e *El volteo*, — acompanhados por uma musica deliciosa, fortemente communicativa, impuzeram-se logo de começo a todas as classes sociaes do velho mundo. E foi por isso que — sendo o *tango* exclusivo das classes populares da Argentina, — essa dança sul-americano entrou gloriosamente nos salões, a requebrar-se, toda dengosa...

Novembro, 1920.

Petrocinio Ribeiro

